

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DA PSICOLINGUÍSTICA DA METÁFORA NO PB

Adiel Queiroz Ricci
Mestrado/UFF

Orientador: Antonio João Carvalho Ribeiro

Grande parte do arcabouço teórico acerca dos estudos de compreensão de linguagem privilegia o nível literal de processamento, embora a linguagem figurada, em suas várias manifestações, como hipérboles, ironia, eufemismos, comparações, pedidos indiretos, perguntas retóricas e a metáfora não sejam incomuns ou exclusivamente poéticas nos discursos escrito e oral, e são utilizadas para se alcançar vários efeitos na interação humana (ROBERTS, 1994: 159). A opção pelo estudo da metáfora no âmbito da psicolinguística experimental deve-se à existência de vários modelos teóricos divergentes sobre a sua compreensão e processamento, e à inexistência de tais estudos no português brasileiro.

O presente estudo pretende investigar como ocorre, em termos do curso temporal e dos fatores interferentes, o processamento cognitivo da metáfora.

O primeiro modelo pragmático padrão da compreensão de metáforas decorre das ideias de Aristóteles sobre a metáfora como substituição de um termo por outro. Tal modelo é defendido por Searle (1979: 85) em um modelo de três estágios. O primeiro estágio implica na percepção do sentido literal do enunciado, o segundo estágio verifica sua interpretação dentro do contexto da enunciação e, encontrando-se estranhamento ou percepção de incoerência, o terceiro passo é buscar um sentido alternativo não literal.

Na afirmação metafórica “Meu tio é um elefante”, por exemplo, o sentido literal depreendido em um primeiro estágio não encontra sentido plausível (segundo estágio), pois se sabe que seres humanos não são elefantes, o que leva ao terceiro estágio de reanálise e construção de um sentido figurado a partir de informações pragmáticas, considerando características típicas desses paquidermes, seja de massa corpórea, de um grande nariz, da falta de sutileza ou da excelente memória.

Segundo esse modelo, a metáfora é inicialmente reconhecida como uma asserção categórica falsa, devendo ser, por exemplo, convertida em uma asserção categórica verdadeira por comparação, ou símile. Assim, a compreensão de linguagem produzida com intenção de ser literal deve ser de processamento mais fácil e rápido que a linguagem de intenção metafórica. Este modelo pragmático levanta duas questões psicolinguísticas na forma de hipóteses verificáveis experimentalmente: se sentidos literais têm prioridade incondicional, e se metáforas requerem um processo de comparação para serem processadas.

Sobre a prioridade do literal

Há consenso na área dos estudos psicolinguísticos de que nem sempre o tempo de processamento cognitivo do sentido literal é menor que o do processamento do sentido figurativo do enunciado (Blasko & Connine, 1993). Em seu experimento, Blasko e Connine (1993) usaram um paradigma de *crossmodal priming* que se aproveita do fenômeno de *priming* semântico. Uma medida da acessibilidade relativa do significado de uma palavra em particular é o tempo de decisão lexical, *i.e.*, o tempo necessário para ler aquela palavra e decidir se ela é ou não uma palavra no idioma do participante do experimento. Por exemplo, decidir que a palavra “professor” é da língua ou não será mais rápido se ela for precedida imediatamente por outra palavra semanticamente relacionada, como “escola”, ou “ensino”, do que se fosse precedida por uma palavra como “praia”, ou “avião”. A língua inglesa foi o referencial no caso deste experimento, que consistiu em estímulos auditivos na forma de frases que continham metáforas, como “*Jerry first knew that loneliness was a desert* when he was very young.*” Durante a audição, aparecia na tela do computador uma opção para decidir logo após a metáfora ser proferida (no ponto indicado pelo “*” da frase exemplo, acima). Havia três tipos de palavras: metafóricas, literais e de controle, com relação à expressão metafórica. No caso da frase exemplo, “*isolate*”, “*sand*” e “*mustache*”, respectivamente.

O prime auditivo, “*...loneliness was a desert*” facilitou igualmente a decisão lexical diante dos alvos “*isolate*” e “*sand*”, em relação ao controle “*mustache*”, quando os sujeitos foram expostos a “*Jerry first knew that loneliness was a desert* when he was very young*”, o que evidenciou que o sentido metafórico é acessado tão prontamente quanto o literal.

A familiaridade com a expressão

Um determinante da inteligibilidade de uma expressão é sua familiaridade com o grupo social envolvido no discurso. Porém, a familiaridade, sozinha, é insuficiente e menos importante para dar conta da compreensão de uma expressão metafórica, quando esta é bem construída e adequada. A compreensão de metáforas novas também pode ser tão rápida quanto a de expressões literais similares, conforme demonstrou o experimento descrito acima, de Blasko & Connine (1993).

A interpretação do sentido figurativo é opcional?

O processador linguístico é dependente de dados, e o indivíduo fluente não tem a opção de se recusar a compreender um enunciado. Quando ocorre um input linguístico, ele será processado em níveis fonológico, léxico e sintático, o que significa que os sentidos literais não são opcionais, e são gerados desconsiderando as intenções do indivíduo de compreendê-los ou não (Fodor, 1983).

Stroop (1935) demonstrou que as pessoas não conseguem ignorar os sentidos literais com um teste bem conhecido, no qual são apresentadas palavras impressas em várias cores, e o indivíduo deve dizer qual é a cor de cada palavra grafada, não a própria palavra. Se, por exemplo, a palavra “verde” estiver impressa em azul, haverá dificuldade em se dizer “azul”, o que evidencia uma competição com a palavra escrita “verde”, e que as pessoas não conseguem inibir a leitura, ainda que ela atrapalhe a tarefa estipulada. Essa mesma lógica foi aplicada a frases literalmente falsas, mas metaforicamente verdadeiras, em um experimento de Glucksberg *et al* (1982). Os participantes deste foram expostos a uma frase de cada vez, e deveriam julgar se cada uma delas era literalmente verdadeira ou falsa. Havia quatro tipos de frases: literalmente verdadeira, literalmente falsa, metáfora, e metáfora embaralhada. Por exemplo, “algumas frutas são maçãs”, “algumas frutas são cadeiras”, “alguns cirurgiões são açougueiros” e “algumas frutas são açougueiros”, respectivamente.

Se as pessoas ignoram significados metafóricos, as metáforas não deveriam tomar mais tempo para serem rejeitadas que as metáforas embaralhadas. Se, por outro lado, as pessoas registram automaticamente todos os significados metafóricos que estão

disponíveis, então as sentenças metafóricas deveriam levar mais tempo para serem julgadas como falsas do que as embaralhadas, por causa da concorrência da resposta entre os “verdadeiros” significados não-literais e os “falsos” sentidos literais das frases metafóricas.

A partir dessa experiência, observou-se que as pessoas não conseguiram inibir a sua compreensão dos significados metafóricos bem construídos, mesmo quando significados literais eram aceitáveis no contexto do experimento.

Ao contrário do padrão de três estágios, a compreensão da metáfora não depende de uma falha em se encontrar um sentido literal apropriado ao contexto. Como qualquer tipo de compreensão de linguagem, ela não é opcional, mas é obrigatória e automática (Glucksberg, 1982).

Além da similaridade: metáforas são compreendidas diretamente

Ainda há muita controvérsia acerca da questão dos processos de compreensão de metáforas novas e convencionais, conforme pode-se observar a seguir.

Giora (1997) apresenta a hipótese do grau de saliência (*keywordness*), na qual sentidos proeminentes da expressão metafórica são processados em primeiro plano, a partir de informações léxicas de frequência, convencionalidade, familiaridade ou prototipicalidade, antes de interferências contextuais. Quanto menor o grau de saliência, maior o esforço cognitivo requerido para seu processamento, tanto maior em contextos incompatíveis. O processamento de metáforas familiares envolve duas interpretações salientes, a literal e a metafórica. Quando a metáfora é familiar, o processamento não envolve o literal, apenas o metafórico, diretamente.

Glucksberg (2003) afirma que o veículo metafórico tem referência dupla, dependendo de seus graus de saliência e familiaridade para seu processamento cognitivo. A estratégia comunicativa da referência dupla, *i.e.*, o uso de nomes de membros prototípicos de uma categoria para definir categorias não-lexicalizadas, proporciona uma explicação natural para o fenômeno da metáfora.

De uma forma geral, quando uma categoria não tem um nome próprio, os nomes dos membros da categoria prototípica podem ser utilizados como um nome para aquela categoria. Por exemplo, nomes de marcas como *Xerox* e *Durex* para indicar copiadoras e fitas adesivas de celulose, respectivamente.

Gentner e Bowdle (2001) defendem que metáforas novas passam por um alinhamento estrutural seguido de comparação de propriedades do tópico e do veículo antes que atribuições de propriedades sejam inferidas. A compreensão das metáforas convencionais envolve apenas um alinhamento estrutural inicial antes do processamento como asserções categóricas.

Kintsch & Bowles (2002) argumentam que o alinhamento estrutural defendido acima é um processo que exige muitos recursos de processamento cognitivo, que não são necessários quando as expressões metafóricas são compreendidas automaticamente, o que conflita com a afirmação de Wolff & Gentner (2000), de que o alinhamento mais a comparação é a etapa primeira e automática na compreensão da metáfora. Kintsch (2000) desenvolveu um algoritmo de asserção que não envolve alinhamento estrutural, e trata as metáforas novas e convencionais da mesma forma, computando suas interpretações com base na análise semântica latente, produzindo interpretações próximas às das pessoas, e diferenciando aquelas de fácil compreensão das difíceis de serem processadas.

Metáforas como asserções categóricas atributivas

Metáforas são consideradas asserções diretas atributivas, não meras comparações (Glucksberg *et al*, 1997; Johnson, 1996 *apud* Glucksberg, 2003), e são compreendidas mais rapidamente que símiles, tendo mais força que estas.

Aquela mulher é como um dragão. (símile)

Aquela mulher é um dragão. (metáfora)

A moto de José é como um foguete. (símile)

A moto de José é um foguete. (metáfora)

Metáforas predicativas, nas quais verbos são utilizados figurativamente, funcionam de forma similar. O verbo ‘voar’ tem o sentido literal de movimento pelo ar, e também sugere velocidade. Expressões como ‘José subiu na moto e voou para casa’ são compreendidas da mesma forma que metáforas nominais, como ‘a moto de José é um foguete’. Foguetes são membros prototípicos da categoria de coisas rápidas, e voar é

um membro prototípico de viagem rápida. Assim, qualquer coisa que viaja rápido pode voar, como um foguete, o tempo, motos, fofocas e más notícias.

Referência dupla e metáforas

A estratégia comunicativa da referência dupla (o uso de nomes de membros de uma categoria prototípica para definir categorias não-lexicalizadas) proporciona uma explicação natural para o fenômeno da metáfora.

Metáforas são asserções categóricas e, ao contrário de comparações literais, não são passíveis de inversão, salvo quando se muda a base da metáfora, como em ‘meu cirurgião é um açougueiro’ (um comentário negativo) e ‘meu açougueiro é um cirurgião’ (comentário positivo).

A referência dupla também dá conta de paráfrases de metáforas como símiles e vice-versa. Na símile ‘minha moto é como um foguete’, a palavra ‘foguete’ refere-se ao objeto voador literal. Na forma de metáfora, refere-se à categoria superordenada de objetos voadores rápidos, exemplificada pelo foguete literal.

Comparações literais não aceitam tal paráfrase:

Café é como chá. (asserção literal)

Café é chá. (asserção categórica falsa)

De forma similar, asserções categóricas literais tornam-se anômalas em forma de comparação:

Pardais são pássaros.

Pardais são como pássaros.

Conclusões de Glucksberg (2003)

O sentido literal de um enunciado não é prioritário, e os sentidos metafóricos são compreendidos tão rápida e automaticamente quanto os literais. Compreendemos metáforas exatamente da maneira como foram pretendidas, como asserções categóricas. Se um indivíduo enuncia que “o trabalho é uma prisão”, ele não quer dizer que o trabalho é apenas como uma prisão, mas ele é, na realidade, um membro de uma categoria de coisas desagradáveis, restritivas e difíceis de desvencilhar.

Com a utilização contínua, metáforas novas tornam-se convencionais, e seus usos são registrados em dicionários, o que não faz com que passem a ter sentidos literais, e ainda não há consenso com relação ao processo de compreensão de metáforas novas e convencionais.

Proposta de pesquisa

A proposta de pesquisa é confirmar, com dados experimentais cronométricos e não cronométricos do português brasileiro, a hipótese da não prioridade do literal no processamento da metáfora e, se possível, contribuir na discussão controversa sobre o processamento de metáforas novas e convencionais.

Referências

- BLASKO, D. & CONNINE, C.M. *Effects of familiarity and aptness on metaphor processing*. J. Exp. Psychol. Learn. Mem. Cogn. 19, 295–308, 1993.
- DE SOUZA, A. *A memória de trabalho do processamento de metáfora: reflexões teóricas*. Working Papers em Lingüística, 7, 106-20, 2003.
- _____. *A metáfora na Área Econômica*. Revista de Estudos da Linguagem, 12(1), 133-58, 2004.
- _____. *Metáfora e compreensão textual*. Working Papers em Lingüística, N. Esp., 73-83, 2008.
- FODOR, J.A. *The Modularity of Mind*. MIT Press/Bradford Books, 1983.
- GENTNER, D. *et al. Metaphor is like analogy*. In *The Analogical Mind* (Gentner, D. et al., eds), pp. 199–253, MIT Press, 2001.
- GIORA, R & FEIN, O. *On understanding familiar and less-familiar figurative language*. Journal of Pragmatics, 31, 1601-18, 1999.
- GIORA, R. *Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis*. Cognitive Linguistics 8, 183-206, 1997.
- _____. *Literal vs. Figurative language; different or equal?* Journal of Pragmatics, 34, 487-506, 2002.
- GLUCKSBERG, S. *The Psycholinguistics of metaphor*. Trends in Cognitive Sciences, 7(2), 92-6, 2003.

_____. *Understanding Figurative Language: From Metaphors to Idioms*. Oxford University Press, 2001.

GLUCKSBERG, S. *et al.* *On understanding nonliteral speech: can people ignore metaphors?* J. Verbal Learn. Verbal Behav. 21, 85–98, 1982.

GLUCKSBERG, S. *et al.* *Property attribution in metaphor comprehension*. J. Mem. Lang. 36, 50–67, 1997.

HARRIS, R. *Comprehension of metaphors: a test of the two-stage processing model*. Bulletin of the Psychonomic Society. 8(4), 312–14, 1976.

KINTSCH, W. *Metaphor comprehension: a computational theory*. Psychonomic Bull. Rev. 7, 257–266, 2000.

KINTSCH, W. and BOWLES, A.R. *Metaphor comprehension: what makes a metaphor difficult to understand?* Met. Symb. Act. 17, 249–262, 2002.

ROBERTS, R. & KREUZ, R. *Why people use figurative language?* Psychological Science, 5, 159–163, 1994.

SEARLE, J. *Expression and Meaning*. Cambridge University Press, 1979.

STROOP, J.R. *Studies of interference in serial verbal reactions*. J. Exp. Psychol. 18, 643–662, 1935.

WOLFF: and GENTNER, D. *Evidence for role-neutral initial processing of metaphors*. J. Exp. Psychol. Learn. Mem. Cogn. 26, 529–541, 2000.